

# PROXIMIDADES DISTANTES

ACADEMIA DE ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO DE LÍNGUA PORTUGUESA

VOLUME II

## **TÍTULO**

PROXIMIDADES DISTANTES – VOLUME II

## **EDIÇÃO**

Conceição Trigueiros, Caio Frederico e Silva, Ljiljana Čavić

## **COMISSÃO ORGANIZADORA**

Conceição Trigueiros (coord.), Caio Frederico e Silva, Hugo Farias, Paulo Martins Barata, Pedro Rodrigues, Ljiljana Čavić, Ana Gurgel, Arlete Soares Oliveira

## **APOIO LOGÍSTICO**

Rita César, Tomás Duarte Gomes, Tainá Brandão de Andrade, Lorena Humberto dos Santos Borges, Camila Arnaud Reinaldo Lima Formiga, Lara Pelles Naves, Thiago Alexandre dos Santos Antão, Bruno Borges de Castro, Ana Clara Moreira Camilo, Edmo Nunes Oliveira Cabral, Sofia Mesquita de Sabóia, Dhiulia Gabrielly Moreira Costa, Sabryna da Silva Pereira, Cecília Bento Gargano, Luna Catrina Pontes Nascimento, Daniel Gutenberg Eloi Anchieta, Laís Santana Barros, Paulo Henrique Honorato Siqueira, João Victor Brentano Nascimento, Emilly Freire Gomes

## **APOIO TÉCNICO**

Miguel Cordeiro, Miguel Miranda

## **DESIGN DE IMAGEM**

Elisabete Rolo

## **PAGINAÇÃO**

Carolina Freitas

**ISBN:** 978-989-53462-5-7

**Lisboa, 2024**

## APROXIMAÇÕES CONTEMPORÂNEAS BRASIL-PORTUGAL O caso do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais, em Picos/CE

### **Bruno Melo Braga**

*Universidade Federal do Ceará - UFC, Brasil  
brunobraga@ufc.br*

### **João Marcello Torquato Lima da Silva**

*Universidade Federal do Ceará - UFC, Brasil  
joao.m.torquato@gmail.com*

### **Luiz Mattoso Cattony**

*Centro Universitário Fametro - UNIFAMETRO, Brasil  
luizcattony@gmail.com*

### **RESUMO**

A Aquasis - Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos – é uma ONG que trabalha com a preservação de espécies da fauna do nordeste brasileiro em ameaça de extinção, em especial à biodiversidade do Ceará, sendo sediada na praia de Picos, litoral leste do estado. Em 2020, foi solicitado ao escritório Rede Arquitetos um projeto de um centro para receber a visita de instituições, da população local e de turistas para apresentar os projetos da ONG. Este trabalho pretende relatar como o processo de projeto do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais da Aquasis, cuja obra foi finalizada em 2022, lidou com o tema projetual da dicotomia entre tradição e contemporaneidade. Esse relato é apoiado em dois aspectos: a importância da arquitetura como afirmação cultural e as aproximações da abordagem projetual adotada com algumas referências contemporâneas portuguesas que enfrentam a mesma dicotomia.

Espera-se, com este trabalho, ampliar a discussão acerca das possíveis aproximações entre as arquiteturas produzidas na contemporaneidade em Portugal e no Brasil, e, ainda mais especificamente, no Ceará, tendo como base as especificidades destes lugares a partir de suas limitações e de uma resposta que busca a síntese e a abstração como releitura da tradição, e como algumas práticas têm demonstrado tais aproximações, no caso deste trabalho a partir da referência do projeto do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais da Aquasis.

**Palavras-chave:** Arquitetura, Afirmação cultural, Aquasis, Aires Mateus, Rede Arquitetos.

**Eixo temático:** 9. Arquitectura como Afirmação Cultural

## Introdução:

A Aquasis - Associação de Pesquisa e Preservação de Ecossistemas Aquáticos – é uma ONG que trabalha com a preservação de espécies da fauna do nordeste brasileiro em ameaça de extinção, em especial à biodiversidade do Ceará, sendo sediada na praia de Picos, litoral leste do estado. Em 2020, foi solicitado ao escritório Rede Arquitetos um projeto de um centro para receber a visita de instituições, da população local e de turistas para apresentar os projetos da ONG, de forma a propagar o conhecimento sobre a conservação ambiental na região. Este trabalho pretende relatar como o processo de projeto do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais da Aquasis, cuja obra foi finalizada em 2022, lidou com o tema projetual da dicotomia entre tradição e contemporaneidade. Esse relato é apoiado em dois aspectos: a importância da arquitetura como afirmação cultural e as aproximações da abordagem projetual adotada com algumas referências contemporâneas portuguesas que enfrentam a mesma dicotomia.

Sobre o primeiro aspecto, entende-se que a construção de um edifício é o retrato de um lugar, dos agentes que o ocupam e seus respectivos saberes, e que é, por consequência, a representação de uma cultura. Logo, quando uma edificação se propõe a ser protagonista com sua imagem, sem considerar os repertórios e tradições daquele contexto, não abre espaço para que a sociedade aproprie seus espaços e possa expressar tal cultura. Assim, no caso da obra em questão, esse tema perpassou todo o processo de projeto, desde a relação do projeto com as dinâmicas sociais do lugar onde se implanta até as condicionantes construtivas e de mão de obra disponíveis, sendo, portanto, objeto rico na reflexão da relação entre arquitetura e cultura local.

No que se refere às aproximações com referências contemporâneas portuguesas, é possível observar que as arquiteturas produzidas em Portugal e no Brasil possuem uma interseção desde as suas origens, principalmente quando se observa a arquitetura popular e suas influências luso-romanas e luso-islâmicas, mas que, na atualidade, com a velocidade dos meios de comunicação e o rápido acesso às informações, estão em constante transformação e hibridização (Mateus, 2013). Nesse trabalho, essa contaminação entre ambos os países será focada na relação estabelecida entre a tradição do lugar em seus mais amplos aspectos e a sua afirmação enquanto obra de arquitetura contemporânea. Assim, a fim de enriquecer a análise de tais aproximações, duas obras construídas em Portugal foram escolhidas como objetos de estudo a serem comparados com o projeto cearense: as Casas na Areia (2010), em Comporta, e a Casa no Tempo (2014), em Montemor-o-Novo, ambas do escritório português Aires Mateus. Os projetos foram selecionados porque lidam com condicionantes similares ao centro de visitantes, estando afastadas de centros urbanos densos e com uma relação intensa com a paisagem natural e técnicas construtivas e materiais locais, deixando, portanto, a relação entre tradição e contemporaneidade mais explícita para fins de análise e comparação.

Por fim, espera-se, com este trabalho, ampliar a discussão acerca das possíveis aproximações entre as arquiteturas produzidas na contemporaneidade em Portugal e no Brasil, e, ainda mais especificamente, no Ceará, tendo como base as especificidades destes lugares a partir de suas limitações e de uma resposta que busca a síntese e a abstração como releitura da tradição, e como algumas práticas têm demonstrado tais aproximações, no caso deste trabalho a partir da referência do projeto do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais da Aquasis. Assim, espera-se buscar caminhos de atuação que explicitem a ideia de arquitetura como afirmação cultural de um lugar, reforçando sua importância social e necessidade que tal prática contemporânea seja apoiada em um entendimento maior e mais amplo da cultura local, no que se refere a seus aspectos climáticos, construtivos ou sociais. Em outras palavras, uma prática em que se possa ler a tradição para se desenhar o contemporâneo.

## 1. A demanda do Centro de Visitantes

O projeto do Centro de Visitantes Banco do Cajuais teve início a partir de uma demanda da ONG Aquasis de um espaço onde pudessem receber o público visitante - que abrange desde instituições, turistas e população local - na cidade de Picos, onde são desenvolvidos alguns dos principais projetos da ONG, como o Projeto Aves Migratórias do Nordeste e o Programa de Mamíferos Marinhos. A proposta seria aproveitar a porção frontal do terreno onde se localiza a sede da ONG na cidade, dando visibilidade ao centro.

A verba para a construção do edifício seria oriunda de edital, o que gerava uma primeira restrição para o projeto, que era o orçamento bastante limitado. Além disso, havia uma dificuldade de mão de obra qualificada, potencializada pelo período da pandemia de COVID-19, uma vez que o processo teve início em

2020. Assim, o desafio projetual estava, justamente, em conjugar as limitações impostas pelo orçamento restritivo e dificuldades de mão de obra e acompanhamento de obra com o destaque que o equipamento deveria ter pela importância do conteúdo a ser apresentado e de sua função atrativa para o público visitante.

Do ponto de vista programático, o projeto era bastante simples, havendo apenas a demanda de se propor o máximo de paredes internas que servissem para o desenvolvimento do projeto gráfico da exposição do conteúdo a ser apresentado. Inicialmente, foram apresentadas referências de outros centros similares que possuíam uma planta hexagonal, de forma a direcionar as visões para um ponto central. Esta estratégia, no entanto, trazia dois problemas: em primeiro lugar, como o orçamento era bastante limitado, foi necessário ir criando a forma e testando seus custos, então o ideal seria desenvolver uma forma capaz de ser ampliada ou reduzida como um sistema, o que, no caso do hexágono, torna-se mais complexo. Além disso, o hexágono também geraria muitos nós, o que sempre exige maior cuidado construtivo, o que poderia acabar gerando problemas de obra (Fig. 01).

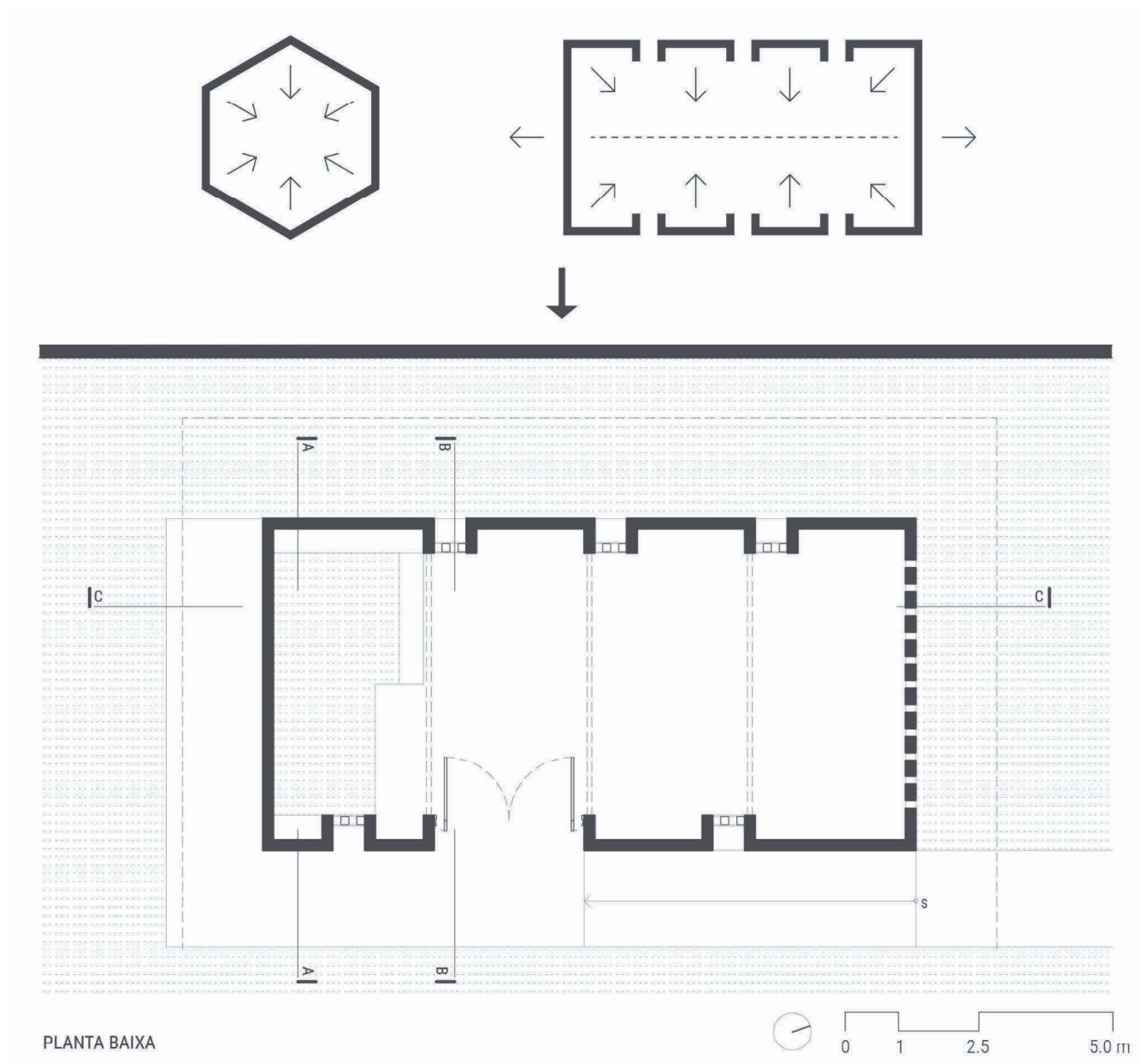


Fig. 01. Processo de abstração do diagrama em planta para planta baixa final da edificação. Fonte: Acervo Rede Arquitetos, 2022.

Assim, chegou-se à proposta final do centro de visitantes com um sistema modular pensado a partir de seus três elementos definidores: piso, parede e teto. O piso é desenhado contínuo, adequando-se à topografia, traçando o caminho rampado da entrada do terreno ao centro e, internamente, desenvolve-se em dois níveis para permitir a exposição dos bancos de areia. As paredes, todas em tijolo cerâmico pintadas de branco, adotam estratégias distintas nos dois sentidos. No longitudinal, desenvolvem-se em módulos em 'U', resguardando as esquadrias externamente, criando nichos de exposição no espaço interno e amarrando estruturalmente no maior sentido, resolvendo, simultaneamente, conforto, programa e estrutura. No sentido transversal, por sua vez, as paredes atuam como anteparos, sendo a da fachada frontal permeável e porosa através do desencontro dos tijolos, gerando aberturas que criam curiosidade para quem chega e permitem a visão interna da área externa, e a da fachada de fundos, que dá para uma área livre, opaca, onde é possível usar como peça para projeções ou outras atividades. Por fim, a cobertura foi pensada com estrutura de madeira e telha cerâmica, solução mais barata e adequada para o clima. A estrutura passa dos limites da edificação, gerando sombra, e sobe em direção poente, gerando a saída de ar por um conjunto de venezianas móveis na parte mais alta da edificação (Fig. 02).



Fig. 02. Fachada e espaço interno do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais. Fonte: Igor Ribeiro, 2022.

Tendo em vista este relato do processo de projeto do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais, cabe, agora, aprofundar sua análise enquanto contribuição prática para a discussão da arquitetura contemporânea de forma mais ampla, inserindo-o, a partir de suas condicionantes específicas, no debate global. Assim, parte-se de dois temas principais com os quais se lidou neste processo, bastante relacionados à dicotomia entre tradição e contemporaneidade, que serão detalhados a seguir: a ideia de arquitetura como afirmação cultural e como isto pode se expressar no processo e materialização da obra arquitetônica; e a relação de aproximações e distanciamentos com outras obras internacionais que lidam com temáticas similares - ainda que em contextos bastante distintos -, tendo sido escolhidos como estudos de caso, para este trabalho, as Casas na Areia (2010), em Comporta, e a Casa no Tempo (2014), em Montemor-o-Novo, ambas do escritório português Aires Mateus.

## 2. Arquitetura como afirmação cultural

Um projeto como o do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais traz uma série de questões que abrem o debate acerca do entendimento da arquitetura como um bem cultural, uma vez que expressa, em várias medidas, uma relação intrínseca com os meios de produção locais.

Segundo Cox (2004) a arquitetura é uma manifestação a partir da natureza humana e para ela, onde se cria uma arquitetura apropriada a cada realidade. A afirmação cultural, como uma identidade arquitetônica, passa pela aceitação criativa dos aspectos positivos e necessidades da respectiva sociedade, de acordo com suas especificidades.

Nós, arquitetos, devemos ter sempre presente que a identidade cultural não é uma essência racional "a ser procurada e encontrada", mas sim um fenômeno vivencial que vai sendo criado no devir social: daí que quando a atitude de afirmação cultural floresce em uma sociedade, é possível que cada arquiteto, ao enfrentar sua tarefa caso a caso, vá resolvendo integralmente seu problema arquitetônico. (Cox, 2004)

A relação entre arquitetura e cultura está presente desde as primeiras expressões nas construções de abrigos, onde refletiam as técnicas construtivas e materiais disponíveis no território ocupado. Para Weimer (2012) a forma mais correta de fazer referência ao saber do povo é através do termo arquitetura popular: aquela que é própria do povo e por ele realizada.

No caso do Centro de Visitantes, este está inserido em um contexto de arquitetura popular derivada de casas de fazenda de gado nas margens do Rio Jaguaribe, no litoral leste do Ceará. Cardoso (2008) aponta como características dessa arquitetura local a planta retangular, o sombreamento circundando a construção, a cobertura em telha cerâmica, a pintura em cal, as aberturas verticalmente alongadas e um modelo de produção centrado na figura dos mestres-carpinteiros, artífices que para além da atuação na construção civil trabalhavam também na produção de pequenas embarcações para o litoral da região. Tais características também assemelham-se àquelas destacadas por Castro (1973), que destaca o caráter eminentemente popular da arquitetura tradicional cearense, sobretudo até o século XIX, marcada pela austeridade formal e construtiva, e também por ser fortemente responsiva às condicionantes bioclimáticas da região, como afirma:

Sob este ângulo é que necessariamente deve ser compreendida e estudada a arquitetura do ceará antigo: reduzida ao essencial, condicionada às parcas disponibilidades financeiras e sempre erguida com materiais de construção locais, para cujo emprego se descobriram técnicas imprevistas, caracterizadas pelo uso intensivo da carnaúba, da pedra solta nos muros dos currais, do entaipamento sobre cercas de faxina, do couro nas dobradiças e na amarração das madeiras, do tijolo branco de diatomita achatado antitérmico. (Castro, 1973: 4)

No que se refere, por exemplo, às questões construtivas, é importante destacar que, pelas próprias condições dadas no início do projeto, de restrições orçamentárias e limitações de mão de obra, o projeto teve que buscar soluções próprias da cultura construtiva local. As restrições foram transformadas em direcionamento do olhar para o lugar, para seus modos de fazer, incorporando, inclusive, a possibilidade do erro como mecanismo de projeto.

Isto pode ser observado no caso das aberturas na fachada de entrada. A ideia de ter um elemento vazado inicialmente levou a adoção de cobogós, mas tanto para evitar um novo elemento construtivo quanto para adotar uma solução encontrada em vários muros da região, optou-se por propor um sistema de desencontro dos tijolos, que ao invés de adicionar elementos, na verdade os subtrai, e que não necessitasse ser seguido rigidamente em seu desenho. Assim, uma técnica construtiva típica da região foi adotada, reduzindo custos e permitindo uma certa informalidade em sua materialização.

Dentro das relações entre arquitetura e cultura, para além das formas de ocupar e os meios de construir, temos uma relação direta entre o edifício e o lugar. Uma das principais variáveis do lugar vai ser o clima. O clima da praia de Picos, Município de Icapuí - CE, onde está localizado o Centro de Visitantes caracteriza-se por ser quente-úmido, que apresenta altas temperaturas e umidade, ao passo que possui baixa amplitude térmica diária ao longo do ano. Com isso, adota-se como diretrizes bioclimáticas para arquitetura o sombreamento e a ventilação natural, sem que haja grande inércia térmica na edificação (Frota, 2001).

Por fim, indo um pouco além dos limites do que a arquitetura é capaz de controlar, é possível também entender como o próprio programa do centro já impõe, em alguma medida, uma afirmação cultural, ao incentivar a produção de conhecimento e divulgação de um trabalho realizado na região junto a diversas instituições e população local. Nesse sentido, a arquitetura não atua na sua dimensão formal, mas sim na capacidade de materializar e potencializar espaços capazes de afirmar e enriquecer a cultura e a educação de um lugar. A ocupação e frequência de visitação do edifício não acontecem por causa da arquitetura, mas a arquitetura permite que estas aconteçam, e quando dialoga com a cultura local em aspectos próprios do campo arquitetônico como os citados anteriormente, estas acabam também por ganhar relevância.

### 3. Entre aproximações e distanciamentos

Uma vez entendida esta dimensão mais específica e local do projeto, relacionando-o com a cultura do lugar, é importante, também, situá-lo em sua dimensão global. Nesse sentido, buscou-se referências de outros lugares que tratassem, em alguma medida, com os temas que ganharam mais relevância nesta análise, em especial na relação entre tradição e contemporaneidade. Para isto, foram escolhidas duas obras que serviram de referência ao longo do processo de projeto, ambas de autoria do escritório Aires Mateus, formado pelos irmãos Manuel e Francisco Aires Mateus, e com sede em Lisboa.

O primeiro é o projeto das Casas na Areia, construído em 2010 na cidade de Comporta. O programa de necessidades inicial consistia na adaptação de 4 volumes pré-existentes no terreno para uma casa de veraneio, que foram então reconstruídos em madeira, palha e alvenaria. Os blocos, dispostos separadamente no lote, conformam um espaço central sobre um areal, que não somente os conecta como também adentra as áreas sociais dessas edificações. Segundo Gabriel Kogan (2017), ao remover o piso e evidenciar o solo, o projeto buscou evocar a imagem arquetípica da casa primitiva, trazendo reflexões também sobre a passagem do tempo e a transformação nos modos de construir e habitar (Fig. 03).



Fig. 03. Fachada das Casas na Areia. Fonte: Nelson Garrido, 2010.

Nesta obra, evidenciam-se também questões relativas à reinterpretação da tradição: se por um lado buscou-se a aproximação com a arquitetura tradicional do lugar – tanto pelo aspecto formal, quanto pela sua materialidade construtiva –, por outro, a adaptação ao uso contemporâneo impôs ao projeto a adoção de soluções que o distanciam de sua matriz original, sendo elas: a criação de maiores aberturas para o exterior



da edificação através de grandes esquadrias em vidro, permitindo maior entrada de luz e calor na edificação; a construção de uma piso radiante em concreto sob a camada de areia, permitindo o aquecimento do piso e da edificação durante o inverno.

O segundo projeto analisado é a Casa no Tempo (Fig. 04), em Montemor-o-Novo, Portugal, construído em 2014. Semelhante ao caso previamente apresentado, a Casa no Tempo também consiste na reforma de um imóvel em uma localidade rural, onde a intervenção teve como propósito sua reconstrução desde as fundações em razão de um problema de capilaridade ascendente. Sendo assim, a proposta buscou evocar aspectos da construção original, evidenciando as relações destes com o tempo.



Fig. 04. Fachada Casa no Tempo. Fonte: Nelson Garrido, 2014.

Dentre tais aspectos, destaca-se a espessura das paredes e estruturas das construções tradicionais daquela região, que, segundo os autores, correspondem aos elementos do edifício onde encontra-se a presença do tempo. Dessa forma, o projeto toma partido de alvenarias espessas, além de posicionar nas periferias da edificação armários, depósitos e banheiros, que se mesclam às paredes externas opacas dando ao espaço uma maior sensação de peso. Neste caso, o aspecto maciço da nova edificação não se dá a partir da reprodução de um sistema estrutural em desuso, mas sim da reconfiguração da especialidade de seus ambientes internos, como evidenciado pelo uso dos *pochès*<sup>1</sup> em sua representação em planta baixa (Fig. 05):

---

<sup>1</sup> De acordo com Castellanos Gómez (2010) o *poché* é um termo que era utilizado na Escola de Belas Artes de Paris para se referir à hachura com tinta das paredes em cortes e plantas, tendo o seu amplo desenvolvimento durante o século XVIII. Por fim, o *poché* é um meio de abstrair e omitir aquilo que era relativo ou de serviço para evidenciar aquilo que é mais significativo para a ideia arquitetônica do projeto.

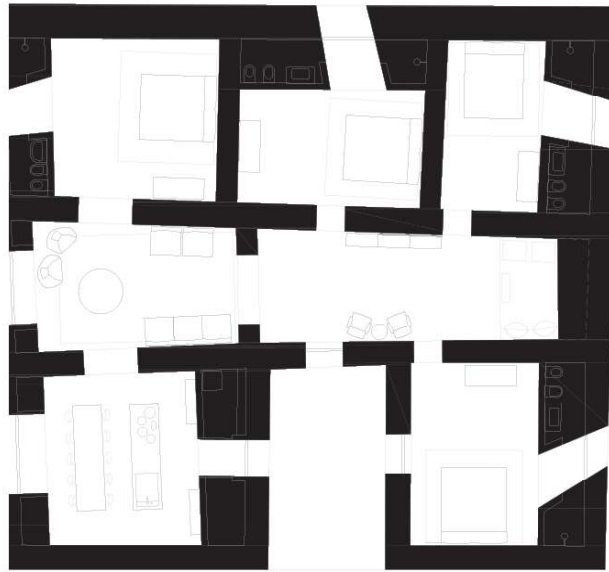


Fig. 05. Planta baixa e representação pochês da Casa no Tempo. Fonte:Acervo Aires Mateus, 2014.

Além disso, outro aspecto da construção original que foi transposto à nova edificação foi sua materialidade construtiva. Segundo os arquitetos, o resgate dos materiais originais – como o piso em lajota cerâmica, a cobertura em duas águas em telhas cerâmicas e o acabamento das paredes – foi uma peça-chave para o êxito do projeto não somente do ponto de vista da imagem do objeto arquitetônico, mas também da experiência tátil de seus usuários no espaço, como afirmam:

É sobre o que sabem as pessoas, sobre o que pode ser reconhecido pela experiência tátil, pela nossa memória. Neste sentido, a intervenção consiste mais na recuperação, na utilização e manutenção com a realização das melhorias técnicas e climáticas necessárias. (Mateus, M. A., & Mateus, F. A, 2014)

Comparando o processo de projeto dessas duas obras com o do Centro de Visitantes, surgem alguns pontos que podem traçar paralelos de aproximação e, assim, trazer uma discussão mais global a partir de especificidades locais. Um primeiro aspecto é a busca por uma imagem arquetípica de construções mais tradicionais. Apesar de haver variações, como por exemplo a mudança material no caso das Casas na Areia ou a adoção de apenas uma água no caso do Centro de Visitantes, a tipologia da construção vernacular parece ser uma busca na imagem dos projetos. Aqui vale destacar que o tipo buscado não é modelo a ser copiado, como coloca Argan:

Ele (o tipo) nunca é formulado a priori; é sempre uma dedução a partir de uma série de casos ilustrativos.

A criação de um “tipo” depende da existência de uma série de construções que tenham entre si uma evidente analogia formal e funcional. Em outras palavras, quando um “tipo” é definido pela prática ou pela teoria da arquitetura, ele já existia na realidade como resposta a um complexo de demandas ideológicas, religiosas ou práticas ligadas a uma determinada situação histórica em qualquer cultura. (Argan, 2008: 269)

Se, por um lado, percebe-se nos projetos a busca pela imagem da arquitetura tradicional, por outro é possível identificar uma linguagem contemporânea que aposta na abstração da forma arquitetônica, com uma certa neutralidade que acaba por colocar o espaço como protagonista. Algumas estratégias podem ser observadas nesse sentido, como a materialidade mais sintética, sem grandes variações de tipos de materiais, sendo a maioria com paredes brancas e estruturas de coberta aparentes. A exceção aparece em uma das casas em Comporta, que apresenta paredes de madeira e palha. Nesse sentido, um elemento que acaba ganhando

força e dando identidade para as edificações são suas cobertas, que acabam configurando o espaço interno e atuando como elemento material mais forte no conjunto.

Outra estratégia no sentido da linguagem mais abstrata é a simplificação dos elementos, apostando mais no contraponto entre volumes e vazios do que na composição de elementos mais tradicionais, como portas e janelas. Nesse sentido, os projetos também acabam ganhando mais peso, uma abordagem mais estereotômica da construção, trazendo uma certa introspecção também para o caráter final dos edifícios. Essa prevalência da massa sobre o vazio reforça esta estratégia (Fig. 06) .



*Fig. 06. Fachada de acesso do Centro de Visitantes Banco dos Cajuais. Fonte: Igor Ribeiro, 2022.*

Por fim, como resultado do encontro entre estes dois aspectos aparentemente antagônicos, surgem obras que criam um diálogo bastante interessante com as paisagens de onde se inserem. Uma vez que todos os edifícios analisados estão em áreas menos ocupadas e distantes de centros urbanos, há um diálogo mais intenso entre arquitetura, meio natural e com as construções típicas do entorno, mas sem que isso implique na mímese ou diluição dos volumes construídos, que também se impõem como objetos autorreferentes e autônomos. Por um lado, voltam-se para dentro, marcam seu peso e materialidade, por outro, olham para fora, na busca por uma arquitetura singela, de diálogo com a cultura do lugar.

## Considerações Finais

É importante salientar que a análise aqui pretendida não tem seu foco em aspectos formais ou volumétricos dos resultados finais dos projetos - apesar de também haver semelhança entre eles neste aspecto - mas, sim, nas aproximações dos processos de projeto do Centro de Visitantes no Ceará e dos projetos do escritório Aires Mateus aqui mencionados, em especial no que se refere à relação com a preexistência territorial e construtiva. Assim, mais importante do que a aproximação formal que possa haver entre as três obras, é a percepção de uma postura anterior comum entre elas que possa ter levado a tal aproximação

Neste sentido, vale destacar que, mesmo que os dois projetos em Portugal se tratem de intervenções em edifícios preexistentes e o projeto no Ceará consista em um novo edifício, é possível notar, nos três exemplos, a coexistência entre o valor simbólico e material da preexistência e a abstração da linguagem contemporânea.

Assim, com base nas discussões anteriores, percebe-se que o processo de reinterpretação da tradição nos três projetos elencados não se dá a partir de uma mera reprodução tipológica de uma arquitetura primitiva, mas sim a partir do processo de simplificação e abstração de seus atributos materiais e espaciais, em uma prática em que a austeridade do objeto arquitetônico evidencia o protagonismo do espaço. Nesses três casos, a identidade do edifício vem como um meio de aproximá-lo dos seus usuários e suas respectivas bagagens socioculturais, reafirmando-as em um cenário de homogeneização cultural em decorrência da globalização.

No caso específico do Centro de Visitantes Banco do Cajuais, é possível observar também como o projeto buscou, desde a concepção, centrar-se nos saberes e fazeres locais em comunhão do conhecimento erudito: no primeiro momento – anterior à própria concepção – o projeto buscou selecionar materiais e tecnologias construtivas que fossem de fácil acesso e manipulação dos construtores locais, para, em um segundo momento, propor um espaço em que a indeterminação e neutralidade do objeto arquitetônico pudessem ser facilmente apropriadas pelos usuários nas atividades educativas e culturais da associação.

Por fim, espera-se que as reflexões levantadas a partir de uma análise entre as três obras aqui destacadas possa contribuir para não só para possíveis conexões entre práticas arquitetônicas em Portugal e no Ceará, mas, também, apontar caminhos para uma arquitetura que olhe com mais atenção para a preexistência como inspiração, sem abrir mão da presença da contemporaneidade como sua expressão.

## Referências bibliográficas

ARGAN, Giulio Carlo. (2008). Sobre a tipologia em arquitetura. In: NESBITT, Kate. Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995). São Paulo: CosacNaify.

CASTRO, José Liberal de. Pequena informação relativa à arquitetura antiga do Ceará. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1973.

CARDOSO, Daniel. (2008). Desenhos de uma poiesis: comunicação de um processo coletivo de criação na arquitetura. Tese (Doutorado) - Universidade Pontifícia Católica de São Paulo.

COX, Cristián Fernández. (2004) Afirmación cultural: Uma atitude ativa na busca da identidade na arquitetura. Arquitectos, Vitruvius. Obtido de: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitectos/05.055/515/pt>

FROTA, Anésia Barros. (2001). Manual de conforto térmico: Arquitetura e urbanismo. São Paulo: Studio Nobel.

KOGAN, Gabriel. (2017) Casa na Areia, Aires Mateus, 2010. Archtrends Portobello. Obtido de: <https://blog.archtrends.com/casa-na-areia-aires-mateus-2010/>

MATEUS, João Mascarenhas. (2013). Culturas construtivas em Portugal e no Brasil. Contributos para uma análise diacrónica | Anais I Congresso Internacional de História da Construção Luso-Brasileira, Rio de Janeiro: PoD editora.

MATEUS, Manuel. Aires., & MATEUS, Francisco. Aires., *Casa no tempo*. 2014. Habitar Portugal. Obtido de: <http://www.habitarportugal.org/pt/projecto/casa-no-tempo/>

CASTELLANOS GÓMEZ, Raúl. (2010). Poché o la representación del residuo, EGA Expresión Gráfica Arquitectónica, 15(15), pp. 170–181. doi: 10.4995/ega.2010.1005.

WEIMER, Günter. (2012) *Arquitetura popular brasileira*. 2ª Edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.



SEDE:  
Faculdade de Arquitetura  
da Universidade de Lisboa  
Rua Sá Nogueira | Pólo Universitário  
Alto da Ajuda  
1349-063 Lisboa

